

Em uma fazenda de café em Ibaté-SP, nos meados do século XX:

“Era assim, quando clareava o dia já era o sinal do dia, então ia pro café quem já carpia, da minha casa, eu ficava em casa porque eu tinha acho que oito anos por aí, minha mãe falava: acorda para você levar o balde para a mãe e o pano de prato; para enxugar o úbere da vaca, que era tirado o leite na mão. Nós tinha duas vacas no quintal. Aí eu ajudava ela, nessas alturas ela já tinha feito a polenta, porque era cozida no fogão...

A minha mãe fazia a comida, e eu levava a comida lá e como a gente esperava clarear o dia, tipo nove e meia dez horas a gente almoçava, aí eu ficava lá também trabalhando na medida do meu possível, no que eu podia fazer. E depois eu voltava tipo meio dia para casa para buscar o café, porque aí a gente já tinha trabalhado bastante, bastante!!!! aí tava com fome de novo, aí minha mãe mandava pão, que só era pão caseiro, não tinha outro pão, mandava a faca, mandava a polenta pro meu pai, nós comia e descansava um bom tempo na sombrinha e voltava carpir até o sol se por.

Era assim nossa vida, o sol se punha, o meu pai falava: “vamo guardar as enxadas, junta as vasilha de água, de comida que nos já vamo embora”, aí a gente já ia juntando lenha de café [galhos secos de café] e fazia um fecho de lenha pra levar para minha mãe po no fogão.”

Relato de Rosa Scarparo, ex-colona da Fazenda São Roberto, disponível em:

<https://www.iau.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/02507.pdf>, acesso em: 17 de abril de 2019.

Em uma fazenda de café em Ibaté-SP, nos meados do século XX:

“Era assim, quando clareava o dia já era o sinal do dia, então ia pro café quem já carpia, da minha casa, eu ficava em casa porque eu tinha acho que oito anos por aí, minha mãe falava: acorda para você levar o balde para a mãe e o pano de prato; para enxugar o úbere da vaca, que era tirado o leite na mão. Nós tinha duas vacas no quintal. Aí eu ajudava ela, nessas alturas ela já tinha feito a polenta, porque era cozida no fogão...

A minha mãe fazia a comida, e eu levava a comida lá e como a gente esperava clarear o dia, tipo nove e meia dez horas a gente almoçava, aí eu ficava lá também trabalhando na medida do meu possível, no que eu podia fazer. E depois eu voltava tipo meio dia para casa para buscar o café, porque aí a gente já tinha trabalhado bastante, bastante!!!! aí tava com fome de novo, aí minha mãe mandava pão, que só era pão caseiro, não tinha outro pão, mandava a faca, mandava a polenta pro meu pai, nós comia e descansava um bom tempo na sombrinha e voltava carpir até o sol se por.

Era assim nossa vida, o sol se punha, o meu pai falava: “vamo guardar as enxadas, junta as vasilha de água, de comida que nos já vamo embora”, aí a gente já ia juntando lenha de café [galhos secos de café] e fazia um fecho de lenha pra levar para minha mãe po no fogão.”

Relato de Rosa Scarparo, ex-colona da Fazenda São Roberto, 2006, disponível em:

<https://www.iau.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/02507.pdf>, acesso em: 17 de abril de 2019.